Novas Tecnologias e novos e-dosos. Reflexões sobre as condições de existência das pessoas com idade a partir dos sessenta anos e a comunicação mediada pelo computador[1]

Rosânia Soares[2]
FAPRO - Faculdade Projeção, Taguatinga, DF

Resumo

O presente artigo se propõe a refletir sobre o uso de diferentes tecnologias de comunicação e a forma do indivíduo (em foco, a terceira idade) ser e estar no mundo. A questão da técnica é o centro do trabalho a partir de autores como Walter Ong, Jack Goody, Georges Friedmann, Jürgen Habermas, entre outros que seguramente afirmam que a ideologia trabalha de maneira diferente sobre o sujeito a depender do recurso técnico do qual dispõe ao usar a língua (*la parole*). Com as novas tecnologias de comunicação, senhores e senhoras com mais de sessenta anos passam a tomar uma nova consciência de si, colocando-se como sujeitos desejantes e desejáveis manifestos no ambiente *on line*.

Palavras-chave: Comunicação; Ideologia; Linguagem; Novas Tecnologias; Velhice.

Comunicação, Meio e Mensagem

Há algum tempo, temos pensado sobre a linguagem nos meios de comunicação, mais especificamente como se dá a construção da imagem da velhice. Para tanto, a compreensão se baseava na mensagem e não no meio em que era utilizada. Só mesmo depois do contato com autores que discutiram tal questão é que percebemos a importância em orientar nossos trabalhos centralizando a discussão sobre as técnicas que o ser humano utiliza para se comunicar. Tal procedimento nos colocou no caminho, fundamental, em tentar compreender quais são os efeitos do uso de diferentes tecnologias de comunicação e a forma do indivíduo (em foco, a terceira idade) ser e estar no mundo.

Seguramente, nossa condição de existência se dá mediada pelo simbólico como afirma Habermas (1968, p.24) "só com e na linguagem se separam, para a consciência, o ser da consciência e o ser da natureza. O espírito, por assim dizer, desperta do seu sonho quando o reino das imagens se traduz para o reino dos nomes".

Nosso conhecimento sobre o sujeito e o uso do código linguístico estava, até então, baseado na Análise do Discurso, cuja fundamentação se dá sob o tripé: Ideologia (de Marx), Linguística (Saussure) e Psicanálise (Freud). Para Orlandi (2005), discurso é o sentido

[1] Trabalho apresentado no DT 05 – GP Cibercultura do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Projeção, email: rosanias.soares@gmail.com

produzido entre sujeitos na história. Após leituras de autores como Walter Ong, Jack Goody, Georges Friedmann, Jürgen Habermas, entre outros, pudemos acrescer à ideia de que tais sentidos também dependem da técnica utilizada para materializar tais discursos; ou ainda, mais seguramente, a ideologia trabalha de maneira diferente sobre o sujeito a depender do recurso técnico do qual dispõe ao usar a língua (*la parole*).

Logo, a identidade da velhice no mundo moderno tem sido alterada devido a um cenário bastante complexo, mas que, sem dúvida, não poderia se estabelecer como tal caso não houvesse o meio digital que impera as comunicações, de modo fundamental, na sociedade atual.

Para tentarmos esclarecer a assertiva é preciso acompanhar o percurso do uso da língua na oralidade antiga, na escrita e na segunda oralidade a fim de compreendermos as mudanças significativas da relação do homem com a natureza e consigo mesmo de acordo com os instrumentos técnicos de comunicação existentes em diferentes momentos históricos. Assim, partimos baseados em Friedmann, quando afirma que:

> A mentalidade dos indivíduos, num grupo humano, é inseparável do conjunto de suas condições de existência e particularmente do estado dos conhecimentos das técnicas, e da linguagem que eles dispõem para exprimir. (FRIEDMANN, 1968, p. 25)

Veremos que a cada inovação tecnológica, o meio em que a língua é utilizada, altera a relação do sujeito *com* e *no* mundo, evidenciando que os instrumentos de que dispõe não são apenas equipamentos "mortos" ou "frios", mas a forma como o indivíduo lida com tais recursos técnicos, interfere diretamente na maneira com que os sujeitos lidam com eles mesmos enquanto seres destinados a significar. E a terceira idade tem se utilizado das novas tecnologias, em destaque para a internet, como um recurso técnico pelo qual o sentido da velhice tem sofrido grande alteração, em especial da sexualidade das pessoas idosas, quando esses sujeitos se revelam eróticos, sensuais, desejáveis e desejantes seres da idade madura tão reprimidos até então.

Existência e Técnica

Nosso ponto de partida está em saber qual a importância da técnica na vida do ser humano. Para Heidegger (2006), a tecnologia serve para o desvelamento do mundo, da verdade. É uma atividade do homem que o coloca no grande projeto de existência:

[1] Trabalho apresentado no DT 05 – GP Cibercultura do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Projeção, email: rosanias.soares@gmail.com

descobrir-se como ser. No entanto, várias questões despontam para saber se quanto mais afastado do mundo natural, mais o homem se afasta de si mesmo.

Para alguns autores a utilização da tecnologia é um estado de angústia que diferencia a percepção da realidade, fornecendo impressões alteradas, ”uma falta de liberdade confortável, suave, razoável e democrática que prevalece na civilização industrial desenvolvida, um testemunho de progresso técnico” Marcuse (1973, p.23).

As afirmações dos dois autores estão notadamente marcadas por um período de tempo bastante longo entre as publicações em que os conflitos existenciais diferem e refletem a própria condição de cada sujeito em dado momento. Daí a ver as diferenças que se estabelecem na própria percepção do papel da tecnologia para as pessoas. No entanto, podemos considerar que ambos atestam que a técnica é um meio de experenciar o universo.

Estamos nos centrando aqui, às técnicas de comunicação e por isso, vamos nos concentrar aos usos da linguagem em diversos meios, e o primeiro deles é o meio oral. Ou mais precisamente, em civilizações cuja expressão linguística se dê essencialmente na oralidade ou civilizações antigas.

A exemplo da Grécia, em Prefácio a Platão de Havelock (1996), um trabalho que realizou a profunda análise de como o conhecimento se dava e se propagava, nos traz uma bela reflexão sobre o *modus operandi* da consciência de si que, com a escrita, se rompe com o grupo e nasce, então, a personalidade. Sai da oralidade que ocupa o espaço local e o tempo presente partindo do concreto para o extremo abstrato. Ao utilizar a escrita, há o rompimento com o grupo. O conhecimento passa a ser um trabalho individual, elitizado (pela dependência do domínio da escrita), ancorado num tempo de uso outro que não necessariamente o mesmo tempo da produção.

Também Walter Ong (1998), com a obra Oralidade e Escrita, aponta que com a forma impressa da fala, a personalidade é modificada, tornando os seres diferentes entre si pela capacidade de conhecimento individual de acordo com o que cada um pudesse dar conta de produzir, armazenar e divulgar. A partir do mundo da impressão, as palavras já não mais pertenciam do mesmo jeito a todos.

De fato, as palavras, vazias de sentido, não concernem da mesma forma a indivíduos diferentes. Tal entendimento pode ser bem compreendido quando Bakhtin (1992, p.36) afirma que “a palavra não somente é o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo neutro.” O que, de fato, dá um determinado sentido e não outro em seu lugar é a ideologia que atravessa o sujeito do discurso. Agora, ainda mais relevante, é pensarmos que tal ideia

[1] Trabalho apresentado no DT 05 – GP Cibercultura do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Projeção, email: rosanias.soares@gmail.com

sobre o mundo também é, significativamente, alterada pelo meio em que ela se manifesta. Aqui, impossível deixar de recorrer à máxima de MacLuhan – o meio é a mensagem. Tanto assim o é que ao termos a possibilidade de proferir signos linguísticos pelo meio da oralidade, podemos nos munir de maior persuasão, pelo acompanhamento de gestos, entonação, interação, que não podem ser impressos, ainda que "pensava-se se sobretudo na escrita como meio de fornecer à fala um elemento <<correlativo objectivo>>, uma contrapartida material do discurso oral" (GOODY,1988, p.88).

O referido autor reforça algumas substanciais diferenças da cultura oral para a escrita, de forma que o letramento fornece a consciência do passado em relação com o presente, o aumento do repertório, a exposição de uma cultura mais complexa.

Se na oralidade, a presença do expositor na enunciação é obrigatória, portanto, o contato direto com quem explana é concomitante ao momento da fala, diferente é na cultura escrita em que o virtual do autor já está estabelecido, uma vez que não se faz necessária a imagem presente do mesmo. Este aspecto leva a considerarmos a possibilidade de consulta do texto impresso em momentos posterior à fala, ancorando a própria existência, com forte relação ao passado.

Também seria improvável que o acúmulo ou o armazenamento de informações fosse possível na mesma proporção para culturas com recursos técnicos de comunicação tão distintos como a oralidade e a impressão. O que ocorre nas civilizações orais é a homeostase, uma espécie de higienização em que só é possível lembrar-se do que é fundamental para o momento. Já com a escrita, recorrer a um maior número de dados é possível, ainda que não sejam utilizados no instante, podem ficar guardados a fim de serem usados depois. Isso acaba por nos fazer compreender a maior complexidade apontada por Ong, no que se refere às culturas letradas.

No entanto, ainda há um fator muito importante que é saber que a impressão da fala não corresponde, exatamente, à manifestação oral da mesma, já que implica, ao estar impressa, no fechamento, da privatização das palavras, possibilitando uma maior manipulação, reordenamento, inspeção, outrora dificultado pela efemeridade do dizer. Assim, a escrita trabalha sobremaneira na imobilização do sentido, na busca de uma estabilidade sem, no entanto, conseguir já que brechas, fendas também significam. Para a Análise do Discurso, "esses sentidos têm a ver com o que é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele" (ORLANDI, 2005, p. 30).

[1] Trabalho apresentado no DT 05 – GP Cibercultura do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Projeção, email: rosanias.soares@gmail.com

Embora reconheçamos os enfoques diferentes e desconheçamos qualquer relação entre o estudo dos discursos – situado nas mensagens e o estudo dos meios – dirigido aos

instrumentos técnicos – é interessante salientar a proeminência de ambas as pesquisas no mesmo período histórico, nos anos 60, em que muitas publicações a respeito das tecnologias de comunicação começaram a surgir e floresciam também os estudos sobre o discurso, cuja materialidade essencial, se obtinha a partir de textos impressos. Daí o reforço de que a forma escrita de apresentação da língua tem papel de destaque na observação da ideologia e da consciência de si no mundo. É a constatação de uma mudança de cultura e

> no fim das contas, a Cultura não é senão uma série de atos de comunicação; e as diferenças no modo de comunicação são frequentemente tão importantes como as diferenças no modo de produção, pois envolvem progressos na possibilidade de armazenagem, na análise e na criação de conhecimento, assim como as relações entre os indivíduos envolvidos. (GOODY, 1988, p. 47)

Da mesma forma, após sermos impregnados pela representação simbólica da língua na escrita, passamos à era da tecnologia eletrônica que nos reintroduz à oralidade, sem que sejamos remetidos à primeira, mas a uma nova forma de comunicação oral possibilitada pelos meios eletrônicos, a que Ong (1998) chama de segunda oralidade, considerada, pelo autor, de experiência não linear e mais rica.

Se é fato que a mudança da comunicação oral para a escrita acometeu sociedades em vários pontos do planeta a interpretar o mundo de forma distinta, a mudar a identidade do indivíduo, podemos dizer que outras transformações estão em curso já que temos novos meios de comunicação digitais. Como afirma Friedmann (1968, p. 25), "a mentalidade dos indivíduos, num grupo humano, é inseparável do conjunto de suas condições de existência e particularmente do estado dos conhecimentos das técnicas, e da linguagem que eles dispõem para exprimir". Partindo da ideia exposta pelo referido autor, podemos apontar a importância da comunicação via web, como um elemento crucial na mudança de comportamento de toda a humanidade, e em especial, pela faixa etária de nosso interesse, a população idosa.

Novos "e-dosos"

Segundo o último senso do IBGE, o Brasil teve um aumento de um pouco mais 8 milhões de pessoas entre 2000 e 2010, com uma diminuição do número de pessoas na faixa

[1] Trabalho apresentado no DT 05 – GP Cibercultura do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Projeção, email: rosanias.soares@gmail.com

entre 0 e 14 anos, caindo de 29,6% para 24,1% e um maior percentual de pessoas com idade a partir dos sessenta e cinco anos, passando de 5,9% para 7,4%.Tal alteração na pirâmide etária abarca outras transformações sociais entre as quais a própria forma de lidar com as questões da sexualidade.

De acordo com as estatísticas do Registro Civil houve a ampliação em 60% no número de divórcios entre idosos e segundo estudos do Ministério da Saúde, também um crescimento de 10 vezes o contágio pelo HIV, fazendo com que em 2009, houvesse uma campanha especialmente dirigida ao público da terceira idade incentivando o uso de preservativos.

Não só na publicidade, mas em outros produtos midiáticos, a aparição de idosos como o foco da mensagem passa a ser mais expressivo. A exemplo de programas de televisão como as telenovelas que incorporam personagens idosos mais atuantes no círculo social como no mais recente folhetim A Vida da Gente; ou ainda, em minissséries como Cinquentinha, em que as atrizes passam dos cinquenta anos. Em ambos os casos, o novo formato de tratamento dado ao sexagenário está se tornando bem diferente do que havia até então, sobretudo, no que diz respeito à sexualidade, assegurando que "entre os instintos recenseados no homem, nenhum é menos contestável que o instinto sexual, nenhum parece modificar-se tanto na civilização tecnicista" (FRIEDMANN, 1968, p.41).

A revolução tecnológica compactua com a possibilidade de uma nova identidade que as pessoas a partir dos sessenta anos vêm assumindo. Segundo estudos de 2011, o Instituto Somatório Pesquisa, detectou que os usuários nesta faixa etária representam 7% dos internautas brasileiros e navegam apenas, 40 minutos menos que os jovens. Já a pesquisa do QualiBest, no mesmo ano, aponta que as ferramentas de bate-papo são as mais utilizadas e quando o assunto é rede social sobe, a cada ano, o número de acesso. Um dado importante para desmistificar o comportamento de pessoas com mais idade e sua relação com a tecnologia. Ainda a este respeito, a pesquisadora Janara Sousa (2009) salienta que

> a participação desses indivíduos nos ambientes virtuais, tanto do Brasil quanto da Espanha, é lúdica, informal e pontual. Poesias, crônicas, receitas de culinária, busca de histórias de amor e amizades são os principais motivos de participação nesses universos.

A técnica tomou, na era moderna, não só o campo do trabalho, mas o campo dos lazeres, configurando uma nova relação com o tempo, com o espaço, com a existência.

[1] Trabalho apresentado no DT 05 – GP Cibercultura do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Projeção, email: rosanias.soares@gmail.com

Se até a publicação de *La Vieillesse*, em 1970, por Simone de Beauvoir, como a própria autora revela, havia um silêncio sobre a velhice. Foi a primeira obra a abordar, de maneira bastante totalizante, a condição de ser idoso na sociedade, revelando aspectos ainda mais encobertos como a questão da sexualidade. Com as novas tecnologias de comunicação, senhores e senhoras com mais de sessenta anos passam a tomar uma nova consciência de si, colocando-se como sujeitos desejantes e desejáveis manifestos no ambiente *on line*.

Este universo grisalho, habituado ao mundo da escrita, reconfigura-se à nova oralidade, propiciando a ele, a retomada da atuação como sujeito de suas vontades, anteriormente limitando a sexualidade à vida privada, como se tal assunto não fosse condizente com a sua faixa etária. O idoso, muitas vezes, é ridicularizado e tido como inativo cabendo, apenas aos jovens, o direito à vida sexualmente plena.

Ainda que na obra de Beauvoir (1970), haja relatos bastante interessantes sobre o exercício de afetos, de amores e de cunho sexual na velhice, as práticas eram expostas por outrem que não aquele idoso ou idosa. O mais interessante é verificar que tomados dos instrumentos, familiarizados com as novas ferramentas de comunicação, envolvidos com o meio, o ser humano, em sua idade mais avançada, pode vir a se (re)descobrir como ser.

As mudanças no âmbito da medicina, como surgimento e solidez de áreas específicas como Geriatria e Gerontologia, a oferta de medicações para melhorar a vida sexual, as melhorias das condições de saúde e saneamento, o acesso a uma alimentação mais variada, o incentivo às práticas desportivas, a possibilidade de diversos tratamentos estéticos, o incremento do poder de consumo, o respaldo na área do direito com o Estatuto do Idoso, entre tantas variáveis em diversos níveis da sociedade, tornaram o contexto favorável a um envelhecimento mais acentuado em número de anos de vida e de pessoas. Mas, dentre todas as transformações, pensar a velhice que tem a possibilidade de compartilhar informação, através dos novos meios de Comunicação, a torna ainda mais complexa e essencialmente, diferente.

Ainda não podemos dizer, pela brevidade do artigo, qual seria a nova consciência a entrar em vigor ou, com mais detalhamento, quais seriam as mudanças recorrentes que este novo recurso tecnológico proporciona à condição de ser idoso no mundo atual. No entanto, é possível verificar que, a priori, a participação em sites de relacionamentos, ambientes virtuais de encontros, espaços *on line* destinados a relações afetivas, amorosas e sexuais já nos apontam para uma alteração dramática na existência do ser idoso.

[1] Trabalho apresentado no DT 05 – GP Cibercultura do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Projeção, email: rosanias.soares@gmail.com

Considerações Finais

Tendo por formação a área de Comunicação, atentos às mudanças sociais e tecnológicas que despontam sem parar no mundo moderno, não poderíamos deixar de ser chamados à questão do envelhecimento e da tecnologia, mais especificamente como a tecnologia interfere na vida dos sujeitos com idade a partir dos sessenta anos.

A priori, o que nos saltava aos olhos era, por muito tempo, a construção das mensagens. No entanto, a sensibilidade foi aflorada ao percebermos que o meio é elemento crucial na forma como a própria mensagem se estabelece. A reflexão da importância do instrumento pelo qual o conteúdo se dá, entendendo a sua extensão em todos os âmbitos da vida social, foi um alerta de que precisamos levantar mais questões nesse encalço. Só assim, foi possível tomarmos consciência do que Habermas já afirmara ao destacar que "o instrumento é, pois, tal como a linguagem categoria deste meio, pelo qual o espírito chega à existência" (HABERMAS, 1968, p.26).

A Análise de Discurso foi crucial para a compreensão de que os sentidos são cambiantes, numa permanente construção entre os sujeitos na história. Mas, veio a apontara que a mensagem em si não basta. O meio técnico utilizado para ela existir, vir ao mundo, é de suma importância, já que a tomada de consciência sobre a própria existência foi fortemente debatida por autores a exemplo de Goody, Havelock e Ong que ressaltam as diferentes mentalidades nas sociedades da oralidade e da escrita. Estes autores, entre outros, declaram as mudanças na percepção do mundo, na questão da individualidade, na formação das identidades.

Sem nunca, no entanto, concentrarem-se como elemento único de mudança, mas dando aos meios de comunicação, responsabilidade central nas alterações de funcionamento da mente humana, na forma de domar a natureza, de ir ao encontro de si mesmo. Cada momento histórico, munido de artefatos técnicos próprios, incide sobre "um modo diferente, de fato, de usar a linguagem" (ONG, 1998, p.68).

Embora a mudanças no código linguístico indique mudanças sociais, a que Bakhtin (1992), confere a mais sensível forma de percepção, é válido ressaltar que, mesmo a língua pode ser alterada conforme a técnica de comunicação pela qual ela seja utilizada. E isso também abre espaço para termos uma discussão voltada a partir do meio que, como a exemplo, colocou na Língua Portuguesa, diversos termos utilizados nos ambientes virtuais:

[1] Trabalho apresentado no DT 05 – GP Cibercultura do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Projeção, email: rosanias.soares@gmail.com

deletar, estar *on line*, etc. Portanto, ilustramos que o meio também traz modificações na língua, como e , de forma elementar, traz mudanças nos comportamentos sociais.

Da mesma forma, se pudermos dizer que os discursos sobre a identidade da velhice estão a caminho ou já em curso, seria ainda mais interessante partirmos dos meios disponíveis a que essa faixa etária tem acesso às novas tecnologias e ampliarmos a discussão de que a percepção de mundo também foi, significativamente, alterada como a exemplo do exercício da sexualidade de forma menos enclausurada, saindo do silêncio ou da restrição particular, para o ambiente virtual.

Nosso trabalho não vem a contemplar a questão do domínio do homem pela técnica ou da técnica pelo homem, mas tem como propósito ser um ponto fundamental de questionamento iniciado por Innis (2011, p.15) sobre o "papel dos meios de comunicação nos arranjos culturais [...]". E daí a pergunta que não finda, mas inicia ou continua a nos alardear: Quais as mudanças que as novas tecnologias, dos meios digitais, realizam na sociedade em pleno envelhecimento?

[1] Trabalho apresentado no DT 05 – GP Cibercultura do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Projeção, email: rosanias.soares@gmail.com

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
FRIEDMANN, Georges. **7 Estudos sobre o homem e a técnica**. São Paulo: Difusão Europeia, 1968.
GOODY, Jack. **Domesticação do pensamento selvagem.** Lisboa: Cambridge University Press, 1988.
HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1968.
HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão**. São Paulo: Papirus, 1996.
INNIS, Harold A. **O viés da Comunicação.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2011.
MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial.** O homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
MCLUHAN, Marshall. **O meio são as mensagens**. Rio de Janeiro: Record, 1969.
ONG, Walter. **Oralidade e Cultura Escrita.** Campinas: Papirus, 1998.
ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso.** Princípios e procedimentos. Campinas. SP: Pontes, 2005.
Site do IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: <www.ibge.gov.br/censo2010> Acesso em agosto de 2011.
Site do QualiBest. Instituto de Pesquisa de Mercado especialista em internet. Disponível em: <www.br.qualibest.com> Acesso em: junho de 2011.Site do Somatório. Instituto de Pesquisa de Mercado. Disponível em: www.**somatorio**.com Acesso em maio de 2012.
SOUSA, Janara Kalline Leal Lopes de. **Caiu na rede é jovem?** O exercício do protagonismo idoso na internet no Brasil e na Espanha. *Soc. estado.* [online]. 2009, vol.24, n.2, pp. 617-618. ISSN 0102-6992. Disponível em << http://www.scielo.br/pdf/se/v24n2/14.pdf>> Acesso em: julho de 2012.

[1] Trabalho apresentado no DT 05 – GP Cibercultura do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre e coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Projeção, email: rosanias.soares@gmail.com